

Santo Sudário: datação incorreta?

M.I. Rollemberg

A partir dos estudos de 1978 efetuados pela NASA, houve um incremento acentuado das pesquisas, que não cessam até hoje. Em setembro de 1986 em Seminário realizado em Turim resolveu-se finalmente pela datação deste linho, uma vez que as pressões para tal fim partiam de todos os segmentos, ansiosos para saberem sua idade, o que seria nesta altura o fato mais importante de seu conhecimento. Um dos fatos determinantes foi a descoberta de um novo método de datação do carbono-14, desenvolvido pelos professores Harry E. Gove, Ted Litherland e Ken Purser, do Laboratório de Pesquisa da Estrutura Nuclear de Rochester, Nova York.

Existem duas técnicas para a análise quantitativa do carbono-14. Uma chama-se "contagem de partículas beta (elétrons)", que são liberadas na desintegração de nêutrons do carbono-14. Para seu estudo são necessárias grandes quantidades do material a ser analisado (gramas). O outro é a "espectrometria de massa", no qual são medidos diretamente carbono-12, carbono-13 e carbono-14. Por este método mede-se a relação entre carbono-12 e carbono-14 do material analisado. Muito menores quantidades de matéria orgânica (miligramas) são necessárias, usando o acelerador de massa em paralelo, criado pelos cientistas citados. Este foi o método

escolhido para determinação da idade do Santo Sudário.

O que é afinal o carbono-14?

Em 1960, Willard Libby recebeu o Prêmio Nobel de Química pela sua descoberta das aplicações do carbono-14 na datação de objetos orgânicos antigos.

A matéria que forma o universo, tanto os elementos inorgânicos como orgânicos, são compostos de milhões de partículas chamadas átomos. Os átomos unem-se com outros átomos, similares ou diferentes para formar a estrutura das menores quantidades que formam as substâncias, ou seja, as menores unidades da matéria que formam as substâncias e compostos que constituem o universo. Os átomos são formados por diferentes corpúsculos de energia, que possuem diferentes graus de vibração. Os três maiores corpúsculos em um átomo são: a) elétrons, com carga negativa; b) prótons, com carga positiva e c) nêutrons, como o próprio nome já diz, sem carga. Os elétrons têm insignificante peso e por isso não são levados em conta, mas os prótons e nêutrons têm pesos similares e juntos são considerados uma unidade. A soma dos dois dentro do núcleo indica o peso atômico. Já o número de prótons, que é igual ao número de elétrons circulando em órbita, constituem o número atômico. Por exemplo, no átomo de carbono temos 6 prótons e 6 nêutrons no núcleo e 6 elétrons em órbita. Dize-

mos que seu número atômico é 6 (6 prótons e 6 elétrons) e seu peso atômico é 12 (6 prótons + 6 nêutrons). Daí surge a primeira pergunta: "é possível haver um átomo com o mesmo número atômico e pesos atômicos diferentes?". Sim. São os chamados isótopos. No caso do carbono podemos ter o carbono-12, normal (peso atômico 12 e número atômico 6); carbono-13 (número atômico 6 e peso atômico 13) e carbono-14 (número atômico 6 e peso atômico 14). E o inverso poderia existir? Não, porque números atômicos diferentes pertencem a átomos diferentes. Os isótopos são instáveis, pois da mesma forma como se formam, são transformados ao perderem sua radioatividade. Neste caso são chamados radiocarbono.

O número de prótons não pode mudar em um elemento, pois do contrário se transforma em outro elemento.

Por exemplo, se adicionarmos um próton aos 6 prótons de carbono ele será um novo elemento, nitrogênio, cujo número atômico é sete.

Em 1960, Willard Libby recebeu o Prêmio Nobel de Química pela sua descoberta das aplicações do carbono-14 na datação de objetos orgânicos antigos

O tempo para destruição de um es-
topo radioativo é diferente para cada
um. O tempo necessário para desin-
tegrar-se metade dos átomos radi-
ativos, que é usado como base para a
medida da vida de um elemento ins-
tável, é chamado meia vida. Dos três
isótopos de carbono, o carbono-14 é
instável (radiativo) e muda constan-
temente. Existem em diferentes pro-
porções na natureza: - carbono -12 =
98,9% de todos os átomos de carbo-
no; carbono-13 = 1,1% e carbono-14
somente 0,000000000001,5% (1,56
partes por bilhão de átomos).

Como o radiocarbono é formado:

Quando os raios cósmicos, que têm
um valor negativo e quase sem massa
(similar ao elétron), combinam com os
núcleos do hidrogênio (prótons), pro-
duz nêutrons. A velocidade dos nêu-

trons diminui e a
temperatura sobe.
Por isso são cha-
mados nêutrons
térmicos. Como
não têm carga
elétrica, produ-
zem transmuta-
ções nos núcleos
dos átomos que
colidem. Foi cal-
culado que os rai-
os cósmicos pro-
duzem cerca de
dois nêutrons tér-
micos por segun-
do em cada centí-
metro quadrado
da superfície ter-

restre. Quando os nêutrons térmicos
colidem com o núcleo do nitrogênio,
que tem peso atômico 14, ele libera um
próton e passa a ocupar seu lugar. O
átomo de nitrogênio é transformado
no átomo de carbono com peso atô-
mico 14. Quando o nitrogênio, com nu-
mero atômico 7 e peso 14, troca o pró-
ton por nêutron, o núcleo muda de ni-
trogênio (7 prótons) para carbono (6
prótons), mas desde que o nêutron tem
o mesmo peso do próton, o novo áto-
mo tem o mesmo peso -14, que o ni-
trogênio tinha antes de ser modifica-
do. Os dois átomos de carbono-14 for-
mados por segundo, por cada centíme-

tro quadrado de superfície, são mistu-
rados com o resto do carbono na ma-
téria orgânica, nos depósitos carbona-
tados na superfície do oceano e no di-
óxido de carbono da atmosfera. Este úl-
timo é distribuído com o carbono-12 e
utilizado pelas plantas através do pro-
cesso da fotossíntese usando a clorofi-
la e pelas bactérias em seu metaboli-
smo. Também é usado em condições
microaéofilas ao serem formados os
carboidratos (açúcares) e outras ma-
térias orgânicas para o crescimento e

energia das plantas e bactérias. Assim
os novos sistemas orgânicos incorpo-
ram em seu metabolismo produtos
orgânicos que contêm carbono-14.
Enquanto o organismo está vivo ele
acumula radiocarbono na mesma ve-
locidade com que é destruído, conser-
vando a mesma proporção entre car-
bono-12 e carbono-14. Quando cessa
a incorporação de radiocarbono esta
proporção modifica-se. Então a nova
relação irá indicar o tempo passado
desde que o organismo morreu.

DATAÇÃO DO SANTO SUDÁRIO

Em 1987 foram autorizados três la-
boratórios para realizarem o teste do
radiocarbono: - Universidade do Arizo-
na, em Tucson; Universidade de Oxford,
na Inglaterra e ETH em Zurich, Suíça.

No final de 1988, o prof. Michael Tite,
diretor do Museu Britânico anunciou
de forma mais ou menos espetacular
que o resultado fora de 1260 - 1380 D.C.
Portanto, o "pano" teria pouco mais de
640 anos! Logo a imprensa passou a
dar grandes manchetes afirmando
que não passaria de uma fraude da
idade média. Vários estudiosos sérios
fizeram alegações que havia outros in-
dícios a mostrar que sua idade era
muito mais antiga. Nada adiantou. O
próprio Prof. Gove chegou a fazer "bla-
gue" em um documentário da CBS ame-
ricana. Nem mesmo o relato em círcu-
los científicos de que a equipe da NASA
havia feito uma datação não oficial em
1982, cujo resultado encontrado foi de
200 a 1000 D.C.. Tudo em vão.

As coisas estavam neste pé, quando
o prof. Leôncio Garza-Valdes, grande es-
pecialista em microbiologia da Univer-
sidade de San Antonio, no Texas, estu-
dando amostras retiradas do Santo Su-
dário demonstrou a presença de inúmer-
os fungos e bactérias, que foram repro-
duzidos em laboratório, provando esta-
rem vivos. Particularmente o estudo da
simbiose entre uma bactéria e um fun-
go mostrou que os mesmos produzem
uma substância rica em carbono, a qual
recobre o pano, sendo visível ao micros-
cópio e formando uma camada a qual
denominou "**bioplástica**". Esta substan-

cia tem funcionado como um verdadei-
ro protetor, como uma "capa plástica", res-
ponsável inclusive pela coloração ama-
relo-ouro característica.

Na medida do radiocarbono, o resul-
tado é devido à quantidade dos diferen-
tes tipos de isótopos de carbono presen-
tes na amostra. Portanto, o revelado não
foi apenas o contido no "pano", mas a
média do radiocarbono ainda presente
no linho, somado ao das outras substan-
cias contidas no Sudário (bactérias, fun-
gos e camada bioplástica). O acelerador
espectrômetro de massa não consegue
diferenciar entre os átomos de radiocar-
bono de cada componente. Como de-
monstrou o Prof. Garza-Valdes, o exces-
so de contaminação do "pano" alterou a
medida, que se feita nas mesmas condi-
ções hoje em dia, dará um resultado mais
próximo da atualidade, uma vez que os
organismos continuam vivos, produzindo
carbono. Após estes estudos, o pró-
prio Prof. Gove voltou atrás em suas
conclusões, penitenciando-se e afir-
mando que se os cientistas soubessem
do trabalho do prof. Valdes, teriam to-
mado outras precauções, sobretudo
limpando cuidadosamente o linho, re-
tirando suas impurezas para posterior
confirmação ao microscópio. Além dis-
to, teriam de usar soluções químicas
totalmente isentas de carbono.

Diante destes fatos, aguarda-se
com grande expectativa uma nova
autorização das autoridades religio-
sas guardiãs do Santo Sudário, para
serem realizados novos testes com as
cautelas recomendáveis.

Aguarda-se
com grande
expectativa
uma nova
autorização
das
autoridades
religiosas
guardiãs do
Santo Sudário,
para serem
realizados
novos testes
com as
cautelas
recomendáveis

Homenagem a Paulo Bomfim

Oswaldo Paulino

Paulo Bomfim – eminente historiador e querido príncipe dos poetas brasileiros.

A feliz iniciativa do ilustre presidente, o Acadêmico Nilo Entholzer Ferreira, propondo o vosso nome para Membro Honorário de nosso Sodalício, aprovada por unanimidade, vem enriquecer sobremodo a Casa de Martins Fontes.

Diria mesmo, parodiando o que a Academia Francesa fez inscrever no busto de Molière: "Nada Falta à glória do Acadêmico Paulo Bomfim. Ele é que faltava a glória da Academia Santista de Letras. Casa de Martins Fontes".

Por essas razões imprevisíveis do destino, inauguramos hoje a nossa nova sede, neste prédio que é acervo histórico de nossa terra, com um patrimônio cultural, digno de suas tradições centenárias e uma biblioteca de mais de 40 mil volumes, além da preciosa pinacoteca.

Refiro-me a razões imprevisíveis do destino, porque ao receber-vos neste magnífico salão, destas janelas que se abrem amplas para a praça arborizada, contemplamos na perenidade do bronze, o magnífico e imponente monumento que a cidade fez erguer aos seus heróis de 32.

Relembro emocionado, como participe nas primícias de minha mocidade, daquele movimento cívico, que engrandece a história de São Paulo e do Brasil, e recordo o seu poema épico, publicado em julho deste ano na Revista da Academia Paulista de História:

Os jovens de 32
Onde estais com vossos ponchos,
Os fuzis sem munição,
Os capacetes de aço,
Os trilhos do trem blindado,
O lema de vossas vidas,
A saga de vossos passos,
Ó jovens de 32!
Em que ossário vossa audácia
Fala aos que dormem por fuga,
Em que campo vossa morte
Clama aos que morrem em vida,
Em que luta vosso luto
Amortalha os tempos novos

Ó jovens de 32!
Voltaí daquelas trincheiras,
Voltaí de vosso martírio,
Voltaí com vossos ideais,
Voltaí com o sangue que destes,
Voltaí com os brios de julho,
Voltaí ao chão ocupado,
Voltaí à casa esquecida,
Voltaí à terra traída,
Voltaí, apenas voltaí,
Ó jovens de 32!

Sois assim Paulo Bomfim, eternamente jovem, no amor a Pátria, no culto aos seus heróis e na preservação de nossa história.

No livro comemorativo dos vossos 50 anos de poesia, com ilustrações de Tarsila Amaral, vem desde "Antonio Triste" o seu poema de 1.947, até "Súdito da Noite" em 1.992.

"Lembrava um balão que, multicolor
Se vê no firmamento.
Não se sabe donde veio.
Não se sabe aonde vai.
Não era velho.
Não era moço.
Não tinha idade.
Antonio Triste"

Chamei-o certa vez e há muitos anos, em sessão solene do Departamento Cultural da Associação dos Médicos de Santos, onde fostes homenageado ao lado da saudosa Zezinha Aranha de Rezende, de Poeta das Horas, no vosso "Colecionador de Minutos".

"Abro a janela. Colho o instante que passa.
A meia-noite os ponteiros se amam.
No calendário os dias são vidas.
Saudade de tudo que não seremos.
De tudo somos ricos. Nada nos pertence."

Pesquisador de nossa história, publicou recentemente, alentado estudo sobre os açorianos em quatro séculos da vida de São Paulo. Ele também descendente dos nativos da Ilha de São Miguel nos Açores, descreve com elegância e musicalidade de poeta, a visita aos seus parentes ilhéus e conta até do cozido, feito sobre as águas vulcânicas de Furnas que era do mesmo sabor, do cozido de sua mãe, e de sua avó Zilota, da bisavó Leoncia e da trisavó Do-

nana, em suas quatro gerações de Arrudas.

Conta, detalhista da história, que seu avô Francisco dos Santos Bomfim, na época de fundação da Vila Bonfim, hoje Bonfim Paulista, foi procurar colonos para as suas fazendas nos Açores e lá se encantou com a inteligência de um menino de cinco anos chamado David Pimentel e o trouxe para São Paulo. Esse menino vai viver em Casa Branca, numa família Açoriana. Cresce e torna-se figura marcante em Piratininga, nome de rua e pai do juriconsulto Professor Manoel Pedro Pimentel.

Descreve com emoção o culto religioso ao Espírito Santo, nas procissões da colônia Açoriana concentrada hoje na Vila Carvão em São Paulo. Lembra Paulo Bomfim ao término de seu trabalho, a quadra do folclore da Ilha de São Miguel.

Quem me dera agora estar
Onde está meu pensamento
Desta Ilha para fora
E do Brasil para dentro.
Meus Amigos,
Paulo Bomfim.

Na homenagem que a Academia santista de Letras vos prestou em maio de 1.999, fomos todos premiados com vosso poema, que é uma declaração de amor a Santos. Hoje que a Academia vos recebe como Confrade Honorário, para quem tem passado pela vida semeando beleza e amor, gostaria ao terminar, com a palavra de nosso Patrono, Martins Fontes, neste soneto.

Beijemos nós a terra em que nascemos.
Beijemos nós a gleba familiar.
Sobre a qual se ergue o teto onde vivemos.
E é nosso berço, sendo o nosso altar.
Ajoelhados, beatíficos, beijemos.
Da nossa casa pedra liminar.
E que a nossa paixão chegue aos extremos.
Defendendo a honradez do nosso lar.
Beijando assim a nossa terra.
Beijaremos os mortos que ela encerra.
E cuja cinza transmuda em flor!
Para que, entre os milagres da saudade.
Revivam todos, em fraternidade,
Ressuscitados pelo nosso amor.

Sede Bem-vindo.

Sangue na Praça

Israel Dias Novaes

Com uma sensação de susto, quando não de estupefação, verificamos que quase sessenta anos se acumularam sobre o sangrento tumulto do Largo do Ouvidor, em São Paulo.

Cinquenta e sete anos! Então, 57 anos? Cinquenta e sete anos sobre o gesto sobre o sangue... Sobre a própria mocidade, de que a passeata e a flama eram definição e símbolo.

Naqueles dias, éramos todos jovens. Andávamos pelos vinte anos, estudávamos e acreditávamos na liberdade. Esta crença responde pelo

"Faculdade fechada, em greve, protestos, assembleia permanente, alastramento da ação repressiva. O corpo docente, com as exceções de praxe, solidário com os estudantes. Demissão do diretor... A causa, contudo, não estava vitoriosa"

que fizemos, e que fundamentalmente marcou o espírito de tantos.

Ah! Os universitários de 1943! Se da Faculdade de Direito partia a ação direta, se no Largo de São Francisco se acertavam as ações, redigiam-se os manifestos, ordenavam-se as greves – nas outras faculdades a rapaziada, mais exi-

gida pelo currículo, solidarizava-se à larga, jamais negando concurso aos oradores do Centro Acadêmico XI de Agosto, aos ativistas das Arcadas. Contrariamente a um latejante foco isolado, o que havia eram a juventude e a sua luta, os moços e o seu milenário anseio de liberdade opostos a um totalitarismo caudilhesco que envelhecia no poder. Uma estrutura rangente, azeitada pelos tribunais de exceção e poupada em suas mazelas pela censura, desafiava o ímpeto dos moços, em especial da sua elite cultural, instalada nos cursos superiores.

Obediente às próprias tradições, não esperou muito a Faculdade de Direito de

São Paulo para mobilizar-se contra a ditadura do tempo. Concomitantemente, preparou-se a polícia política para a escuridão e a repressão. Para muitos, o chamado Ciclo da Cana iniciou-se em 1939, quando discreta manifestação de apoio a professores demitidos por força do artigo 177 da "Constituição" de 10 de novembro de 1937, foi seguida de detenções correspondentemente discretas, que instalaram o processo primitivo. Germinal Feijó, Haroldo Magano, calouros de Direito, saudaram os mestres Waldemar Ferreira, Sampaio Dória e Vicente Ráo para, na manhã seguinte, inaugurarem o pavilhão universitário do presídio.

Ingressando na Escola por essas alturas, fui logo colhido pela engrenagem revolucionária que, sondando insuspeitadas propensões, me designou para o setor de divulgação, em especial o jornal do novo partido, do qual recebia o nome e a bandeira: "O Libertador". Jornalzinho mofino saía quando Deus era servido de nos indicar anunciantes desinteressados. Saía com o cabeçalho atrevidamente declinando o nome dos responsáveis: Antônio Costa Corrêa, Rômulo Fonseca e o autor deste artigo.

Aloirado e troncado, Germinal Feijó com o tempo passou a encarnar todas as aspirações libertárias da mocidade brasileira. Deu as costas ao curso. Esqueceu-se das aulas e ignorou os exames. "Estudante profissional", na definição dos assustados diretores do tempo, respirava manifesto, alimentava-se de passeatas, obsecava-se com discursos e greves. Precocemente sério e tenso, fazia lembrar moços de outros tempos e países pela paixão da causa e a coragem com que a sustentava. Frequentemente via-se obrigado a mudar de domicílio, abrigando-se nas pensões ou apartamentos dos colegas, com os quais, ao sair, permutava a camisa, saindo apertado no colarinho estreito do hospedeiro e legando-lhe uma folga de camisa que fazia lembrar o palhaço de circo Piolim. Sua única arma era uma escova de dentes, objeto inseparável, segundo Rubem Braga, dos revolucionários e das adúlteras. Por sua soli-

citação, fomos um dia pedir ao diretor Soares de Faria que permitisse a transferência para a Faculdade de um famoso agitador estudantil da época Wagner Cavalcanti. Soares de Faria, de ordinário cordato e compreensivo, foi incisivo no despacho:

— Deixe esse onde está. Já não basta aqui o Germinal?

Em meio a essa incansável faina subversiva, resolveu-se um dia recorrer ao sensacional, ao emocionante. Um seqüestro! Raptos modestos, de pronto atinamos com a vítima, ali, à mão: o "barman" do Centro, pequenino e moreno e cuja conformação nasal valera-lhe a alcunha de Elefante, o paciente Chico Elefante. O esconderijo não constituía problema; a chácara da família Feijó, em Guararema. Para lá levou-se Chico, contrafeito mas, no fundo, divertido. Dois jornais, o "Diário da Noite" e a "Gazeta", sabedores embora da natureza do fato, deram-lhe cobertura de primeira página. A descoberta e o regresso de Chico, puxado a cortejo com banda pelo centro paulistano, mereceu manchetes do "Diário da Noite", que assim fez vingarem os propósitos dos raptos.

Na madrugada do último dia de outubro, instalou-se o ciclo derradeiro do processo de luta antiditatorial. Em pleno desafogo do Baile das Américas, no Esplanada, quando mais descontraídos se mostravam os revolucionários juvenis, crispou o salão a notícia de uma crise político-militar no Rio. Generais descontentes com a continuidade do totalitarismo no País teriam apresentado ultimato ao ditador, exigindo reabertura ou renúncia. Logo um estudante tomou o microfone da orquestra para declamar uma quadrilha subversiva. Alguém bramiu o velho grito de guerra "Abaixo a ditadura", repetido por todos, enquanto pelo salão os rapazes soltavam as damas e se abraçavam, levados ao delírio pela vitória da causa.

Faculdade fechada, em greve, protestos, assembleia permanente, alastramento da ação repressiva. O corpo docente, com as exceções de praxe, solidário com os estudantes. Demissão do diretor. Recrudescimento do policiamen-

POEMA EM HOMENAGEM AO PROFESSOR DOMINGOS DELASCIO

Autor: Francisco de Assis Costa Souza

to ostensivo no centro, e em especial no Largo de São Francisco.

A causa contudo não estava ainda vitoriosa. Não procedia a notícia. Ao contrário. Um último sacrifício, o mais áspero, passava ela a exigir naquele momento. Vieram as prisões, os espancamentos, a atroz invasão do invicto Centro XI de Agosto, pela madrugada, com a detenção de quantos ali se revezavam, guardando-o, e a depredação oficial de instalações. Chegava ao auge o Ciclo da Cana.

Em meio a tudo, o receio oficial da aproximação da data aniversária da própria ditadura, o 10 de novembro. Cautelas especiais determinadas pelo Secretário da Segurança, funcionário de extensa militância mas desservido da serenidade obrigatória nas crises.

No dia 9, por fim, uma passeata, meio improvisada, começou a engrossar na Praça do Patriarca. Um magote, em minutos alimentado por meninos e rapazes brotados de todos os lados. Populares agremiam-se à coluna em grande número. Deslocou-se a manifestação para o Largo de São Francisco, dali retornou. Na embocadura do Largo do Ouvidor, vinda da Rua de São Bento, uma tropa, comandada por um oficial desvairado, fechava-lhe a passagem. Um dos capitães da massa, vencida a perplexidade, adiantou-se para se inteirar dos propósitos... O major, que aguardava o pretexto, logo berrou:

É esse! Atirem!

Pela primeira vez a juventude ouviu o pipocar dos tiros e o zumbido de balas. Os que puderam safar-se tropeçavam em colegas e amigos tombados. Um menino, incorporado à passeata nos últimos metros, agonizava no asfalto. Correu-se para as Arcadas, para os prédios do largo, para as igrejas: a força, desatinada, atirava e esbordoava.

Depois, foram os enterros, a vigília nos hospitais, as detenções, os depoimentos, seguidos, pouco mais tarde, da queda do ditador e da ruína do regime.

Israel Dias Novaes é presidente da Academia Paulista de Letras

Mestre!

*Permita uma vez mais
Aos olhos meus,
Contemplar tua harmonia,
Teu falar e teu saber.*

*Permita uma vez mais
Aos ouvidos meus,
Tornar vivo e impresso,
No meu cérebro,
Tuas experiências, teu viver,*

*Os teus gestos, hoje, trêmulos
Não escondem tua comunicação
Tão conhecida de teus filhos*

*E os teus cabelos,
Quase todos brancos
Espelham o sacrifício e luta
Que empenhastes pelo bem da arte.*

*Discutes com os novos mestres
Pupilos teus,
Obras da tua obra,
Impondo teu respeito;
Não pela idade
Mas pelo que ainda és
Como mestre maior.*

*Argumentas sobre novas técnicas,
Novas teorias, novos postulados!
Caminhastes com o tempo,
Em intelectualidade... e ligeiro!
Apesar dos teus passos físicos
Já não serem tão rápidos.*

*Não és uma estátua de rua,
Fria, de mármore,
E que lembra o homem
Apenas pelo nome ao pé;
És vida e ser andante!
És mágico, poeta da ciência!*

*E a força que dela faz
A mais sublime das procuras
Do homem sobre a terra.*

*Não sei por quanto tempo
Ainda vos verei!*

*Ontem, pelos idos da noite,
Enquanto todos riam e bebiam,
Encostado em conforto no sofá
Vos encontrei em merecido descanso.*

*E invadido por um laço fraternal
Tive ímpetos de um filho
Que se aconchega a um pai,
Lhe tira os sapatos,
Estira suas pernas,
E se delicia em silêncio
Com seu bem-estar.*

*Naquele instante, fui à varanda!
E olhando as estrelas pardas
Pelo vento da noite fria, garoada
Falei com os meus botões:*

*"Oh, tempo!
Que a natureza instituiu
Como demarcador do fim das coisas
E dos homens.
Renova tua aliança,
Muda teu hábito,
Conversa com AQUELE MAIOR
Que te orientou
E pede,
Argumenta e mostra,
Que homens assim,
Sendo raros,
Deveriam permanecer eternos
Em corpo e alma
Pois que suas essências
E seus ensinamentos
Nunca morrerão"*

A trágica morte de Evandro Chagas (1905-1940)

Carlos da Silva Lacaz

A 8 de novembro de 1940 um avião da VASP (PP-SPF), com o nome "Cidade de Santos", sob o comando de Júlio F. Costa decolava às 14:35 horas do aeroporto de Santos Dumont, quando à altura da enseada de Botafogo, foi violentamente abalroado por um avião civil, bimotor, da Argentina, que executava perigosas manobras naquela área. A aeronave caiu ao mar, com a morte de 15 passageiros, além dos tripulantes. A bordo encontravam-se Evandro Serafim Lobo Chagas; filho do não menos saudoso Prof. Carlos Chagas, um sobrinho do cardeal Sebastião Leme, Ladislau Roman, fotógrafo do "O Estado de São Paulo", o consul da Noruega em Santos – Alexander Stattel Grieg e muitos outros. O avião, mal tocava o mar, des-governado, explodiu, jogando pedaços à distância. Corpos mutilados foram resgatados. O sepultamento de Evandro Chagas realizou-se a 10 de novembro, às 13:30 horas, tendo sido seu corpo velado na Academia Nacional de Medicina.

O Ministro Gustavo Capanema esteve presente no enterro.

Evandro Serafim Lobo Chagas, filho do genial pesquisador brasileiro Carlos Chagas, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 10 de agosto de 1905, diplomando-se em 1926 pela Faculdade Nacional de Medicina.

Ainda na infância gostava de acompanhar seu pai, em visitas ao Instituto de Manguinhos, cujo biotério, cheio de "bichos", constituía para ele a maior atração. Apurava, assim, o gosto pela observação direta e instrução objetiva.

Acadêmico de medicina, foi interno do Instituto Oswaldo Cruz, iniciando desde os primeiros anos escolares o seu tirocínio clínico. Ao mesmo tempo ia completando o estudo das disciplinas que compunham o curso de aperfeiçoamento do Instituto Oswaldo Cruz. Foi o Instituto Manguinhos, no dizer de Eurico Villela, a "alma mater" que desde cedo nutriu seu espírito.

Diplomado em Medicina, continuou seus trabalhos no Hospital, como técnico contratado, passando mais tarde a chefe de laboratório, efetivo. Inteligência lúcida, claro na exposição, tornou-se professor e conferencista altamente apreciado. Co-

nhecia profundamente o inglês e o alemão, sendo o mesmo, locutor e intérprete de seu pai nas conferências realizadas nos Estados Unidos e Alemanha, em 1921 e 1925, respectivamente.

Refere Villela que Evandro Chagas era dotado de grande espírito de curiosidade, observador atilado e experimentador ativo e ousado que não se satisfazia com o âmbito cerrado das enfermarias e laboratórios, mas ia buscar elementos de estudo na vastidão de nossos sertões.

Em 1935 concorreu à cátedra de Medicina Tropical na Faculdade Nacional de Medicina em memorável concurso que, se não lhe deu a cadeira, ofereceu-lhe a oportunidade de patentear sua cultura, inteligência e capacidade didática.

Em 1925 efetuou uma viagem à Alemanha e à França, como secretário de Carlos Chagas, com o fim especial de estudar questões de patologia cardíaca e infecciosa. Desde 1926 realizou frequentes viagens ao interior do Estado de Minas Gerais (Vale do Rio das Velhas) em pesquisas sobre a tripanossomíase americana nos seus diferentes aspectos clínicos e epidemiológicos.

Em 1931 ingressou como livre-docente por concurso, da cadeira de Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas da Faculdade Nacional de Medicina. A tese de Evandro Chagas versou sobre a forma cardíaca da tripanossomíase americana. O aprendizado clínico de Evandro Chagas foi inteiramente feito sob orientação de Eurico Villela.

Em 1926 e 1929 realizou estudos especiais sobre a febre amarela, aproveitando o material então existente no Hospital do Instituto de Manguinhos. Evandro Chagas preocupou-se, também, em estudar a malária, a ancilostomose, o beribéri, a leishmaniose visceral e principalmente a miocardite provocada pelo *Trypanosoma cruzi*.

A missão de estudos ao norte do país, em 1936, com o fim especial de realizar investigações clínicas e epidemiológicas sobre a leishmaniose visceral, marca nitidamente a segunda fase de suas atividades. Os trabalhos de saúde pública deixam, aí, de ser esporádicos e eventuais.

Criou, então, centralizado no Instituto Oswaldo Cruz (centro coordenador), um

magnífico serviço que estendeu sua vasta rede de investigações científicas ao Ceará, Pernambuco, Pará, Amazonas, Acre e Minas Gerais. A missão de estudos sobre a leishmaniose visceral evoluiu para um grande plano de investigação científico-sanitária no Brasil, que Evandro Chagas tinha em organização e do qual os núcleos de trabalhos no norte do país e em Minas Gerais não eram se não pequena parte, em execução. Em 1935 escreveu Evandro Chagas um "Manual de Doenças Tropicais e Infecciosas", em volume editado pela Empresa Almanak Laemert.

Villela assinala que, em Evandro Chagas o ímpeto de passar da concepção à execução, dava-lhe um grande poder de convicção que conquistava os próprios oponentes aos seus planos, para a realização dos quais não media obstáculos.

O exercício multifário de uma grande e intensa atividade, tomava um aspecto à primeira vista desordenado, de modo que, para muitos, era uma surpresa sua capacidade de organização, revelada na metodização perfeita de todos os serviços a seu cargo. Com este conjunto de qualidades, tinha de ser produtivo seu trabalho.

Este o rápido esboço da intensa e curta vida de Evandro Chagas, para dar idéia da perda imensa que sofreu o "Instituto de Manguinhos", com a morte do jovem pesquisador, cuja larga messe de trabalho realizado, dava as melhores e mais seguras esperanças de realização ainda mais amplas e mais profundas, de um programa já seguramente traçado.

Estas foram as palavras de seu mestre Eurico de Azevedo Villela, pronunciadas em novembro de 1940, no "Instituto Oswaldo Cruz".

Em Belém do Pará, um Instituto de elevado renome científico perpetua o nome do renomado tropicalista. Ele bem mereceu da Nação. Foi um pesquisador vitorioso, falecendo de modo trágico aos 35 anos de idade. A Medicina brasileira perdia um de seus grandes ícones.

Carlos da Silva Lacaz – professor emérito da Faculdade de Medicina da USP. Presidente da Sociedade Brasileira de História da Medicina

O jeitinho brasileiro

Helio Begliomini

Não é difícil concordar com o poeta que bem se expressa na cantiga ao referir que o "Brasil é um país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza... e que beleza!". Sem dúvida, temos uma diversificada beleza climática e geográfica, tanto ao largo da imensa costa marítima, quanto nos múltiplos recôncavos do interior que albergam uma variegada flora e fauna.

Aqui não há vulcões, furacões, maremotos e terremotos com sói acontecer em nações alhures.

Entretanto, a maior riqueza dessa divina terra é realmente o seu povo que se caracteriza por ser alegre, extrovertido, descontraído, hospitaleiro, confiante, fraterno, acolhedor, tolerante, paciencioso e pacífico. Estes e outros predicados fazem parte do famoso jeitinho brasileiro. Tais virtudes são costumeiramente salientadas por cronistas ou em campanhas publicitárias e filmes promocionais.

Entretanto, o que não se costuma dizer é que o jeitinho brasileiro encerra igualmente diversas características negativas dessa gente que não é tão somente "santa". Boa parte do povo suja as ruas, praças, bosques, praias, estradas..., com todo tipo de dejetos imagináveis e disponíveis. Será que é só falta de educação, informação, de respeito ao próximo, ao ambiente..., ou gosto em viver em chiqueiro?! Isso não é apanágio dos pobres, pois é muito usual entre os indivíduos da classe média e também da alta, que o fazem arremessando sujeira e cigarros de seus carros, vários deles importados.

Os fura-filas, os penetras em festas e ambientes também caracterizam o nosso jeitinho. E porque não falar dos trombadinhas que inventaram uma forma *sui generis* de furto. Dos sagazes pedintes em semáforos e esquinas que articulam de tudo para receber algum trocado. Encontramos desde limpadores de veículos, vendedores de frutas, ferramentas, panos, camisetas, bandeiras,



chapéus, guarda-chuvas, etc... até saltimbancos que fazem sua arte em troca de algumas moedas.

E os pichadores que tem chafurdado irreprimivelmente as metrópoles. Sua desgraçada "arte", aliada à excessiva fiação aérea dos postes, quer telefônicos, quer elétricos e à imensa quantidade de *out doors*, dão não somente uma poluição visual, como também proporcionam um emporcalhamento estético às cidades, facilmente perceptíveis para aqueles que conseguem sair para o exterior e retornar ao seu nicho cotidiano.

Ademais, o jeitinho brasileiro propicia a criação de um país onde campeia uma quantidade apreciável de corruptos que se alojam em todos os campos e atividades profissionais nos seus mais variegados matizes, destacando-se sobretudo na política e naquele que tem função fiscalizadora. Se no Brasil há corruptos é porque existem corruptores e corrompidos, que convivem numa promissora rede de auto-ajuda. Grassam quando impera leis injustas ou dificilmente cumpríveis, na carência de remuneração justa pelo desempenho profissional, na vigência de impunidade flagrante, no excesso de burocracia onde se propicia dificuldades para se "vender facilidades".

O lado pejorativo do jeitinho brasileiro ficou infelizmente consagrado na "Lei de Gerson", exímio futebolista brasileiro quando ao ser protagonista de comercial de cigarros salientou que o importante era "levar vantagem". Realmente, o jeitinho brasileiro fautoriza lograr pessoas e instituições, tornando-se até motivo de orgulho quando deveria ser de desonra a muitos incautos e pobres de espírito e de formação.

Oxalá, conseguíssemos alijar o lado pernóstico entranhado em boa parte do povo brasileiro. Construiríamos sim, uma das mais confiáveis e prósperas nações deste planeta. Entretanto, nem tudo está perdido. O lado positivo do jeitinho brasileiro é inigualável para muitas nações. Evidenciá-lo em detrimento do lado negativo não é impossível. É uma questão de educação, cultura, justiça, exercício da cidadania, enfim, de tempo. Se não estivermos vivos até lá, ao menos nossos pósteros herdarão uma abençoada terra e um povo melhor que nos tempos hodiernos.

Helio Begliomini é membro da Academia Brasileira de Médicos Escritores, da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, da Academia Cristã de Letras e em outras Entidades Médicas e Culturais

Modalidades de camisinhas

Vicente Amato Neto
e Jacyr Pasternak*

Nunca, em caráter profissional, dedicamo-nos de forma específica a temas concernentes às doenças sexualmente transmissíveis ou a assuntos relacionados com controle de natalidade e congêneres. Porém, durante vinte anos estivemos envolvidos com questões referentes à infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) e à síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), dela decorrente. Isso em virtude de sermos médicos infectologistas e professores universitários, desenvolvendo atividades assistenciais, didáticas ou científicas, sempre mantendo interesse na prevenção. Daí a necessidade de ter em foco, reiteradamente, a tão falada camisinha, também conhecida como camisa-de-vênus, além de suscitar várias designações populares, inclusive nada elogiosas. Ela é vedete quase que exclusiva quando considerada a necessidade de evitar a infecção pelo HIV através do relacionamento sexual. Então, no decorrer desse período conhecemos fatos sobre tal instrumento profilático e, entre eles, alguns acerca de modalidades, que julgamos ser dignas de curiosas menções.

TAMANHO – Como muitas coisas neste mundo, pode ser pequeno, médio ou grande e, porventura, cheguem a existir variações no âmbito desses parâmetros básicos. Mas percalços afiguram-se previsíveis e de fato acontecem. Ninguém pretende ser identificado como usuário dos tipos menores. A camisinha grande indica predicados destacáveis, mesmo que inadequada.

Os fabricantes, criativos, têm a obrigação de encontrar meio apto a possibilitar boa escolha, sigilosamente.

COR – Varia nas peças vendidas rotineiramente e satisfazem caprichos que enriquecem as fantasias valorizadas por determinadas pessoas. Cada uma gosta dessa diversificação certamente por influências de múltiplas naturezas, que não conhecemos bem. Porém, procuramos especular um pouco a respeito e

pelo menos uma causa identificamos: o par efetua a escolha para que a cor das roupas íntimas seja igual nos participantes. É mais um componente que tem a finalidade de emoldurar festivamente o encontro sexual.

FOSFORESCENTE – É a impregnada por substância que gera aspecto extravagante, não usual, esplendoroso e espetacular. Promove aspecto surpreendente, sem dúvida, muito apreciado por quem gosta de sensação suplementar.

Imaginem a configuração que a peça assume no escuro, tornando a camisinha um atrativo inesperado, no contexto dos que gostam de conceder teatralidade ao relacionamento sexual.

ARTIFÍCIO ENERGÉTICO – Andam colocando na camisinha ingredientes que em contato com a mucosa vaginal provocam sensação especial, adicionada ao prazer devido ao ato sexual. O fato deriva da ocorrência de reação comparável à descarga elétrica, de ordem química, com produção de certo estilo de energia. Louvemos esse espírito inventivo, adotado por quem almeja superar o já bastante satisfatório resultado do relacionamento sexual.

EMBLEMÁTICA – Contém o dístico de clube. É provável que futuramente venha mostrar também distintivos de famílias, facções políticas e entidades. Configura o sentimento dos que juntam afeições a grêmios e, quiçá mais tarde, a confrarias, com a desejada satisfação de caráter social. Diante de concepções e atitudes aparentemente estranhas hoje vigentes, o comportamento mencionado é cabível, porquanto em Belo Horizonte empresa funerária produz caixões para defuntos com as cores e emblemas de times de futebol.

ESPICULADA – Possui apêndices, sa-liências ou espículos, para estimular mais intensamente o clitóris. A forma fica bizarra, assumindo a peça aspecto parecido com o de taturana.

GOSTOSA – Ganha essa qualificação porque está acoplada a sabores varia-

dos, como os de morango, chocolate ou menta. O último faz parte de remédios provavelmente nada úteis e de pastilhas. Causa sensação de frio na garganta, talvez indesejável no ato libidinoso.

MÚSICA – Permite a escolha de diversas melodias. Não conhecemos as preparadas com música clássica e cremos ser difícil aguardar, na ocasião, que fique tocada inteiramente uma das quatro estações de Vivaldi. Porém, conhecemos as com enredo de escola de samba, "rock" paulera muito apropriado para a ocasião, modalidade "country" e execuções românticas como as de Roberto Carlos. A escolha deve ser cuidadosa, para não cortar o clima.

As composturas aparentemente esdrúxulas antes expostas constituem realidades, plenas de criatividade, exibicionismo, credices ou posturas incomuns. Contudo, têm como denominador comum o exaltado e desejado prazer sexual, motivador sem dúvida de muitas outras ações irrealizáveis. As peripécias nesse âmbito são inesgotáveis. Esperem para confirmar isso.

Agora está em cena também o preservativo feminino, ainda não batizado popularmente. A designação camisa ou armadura-de-marte parece cabível; todavia, por enquanto deixaremos de lado especulações sobre ela.

* Os autores são médicos e professores universitários

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor:

Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:

Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:

Dullio Crispim Farina (presidente);

Carlos Alberto Salvatore

Antônio Valdemar Tosi

Marisa Campos M. Amato

João Marques Teixeira

Yvonne Capuano

Cinemateca:

Wilmer Botura Júnior

Pinacoteca:

Aldir Mendes de Souza

Museu da História da Medicina:

Jorge Michalany